



## Loucura<sup>1</sup>

*...si le lecteur peut se mettre à la place de l'auteur, ce n'est pas parce que ce dernier n'existe pas, mais bien seulement parce que lire, c'est revivre une vérité d'imagination.*

Sujeito pós-moderno considerado provisório e plural; personagens dementes como um modo de questionamento do real, de maneira a oferecer ao leitor novas possibilidades de compreensão da existência. Promovendo tangibilidade a ideias e conceitos, corporificando identidades e tornando real o que fica difuso no reino dos pensamentos, as propriedades portadas pelo nome permitem a apropriação de universos desconhecidos, redimensionando o valor e as características do que constitui o mundo. Mas, precisamente a relação com a linguagem – sua ambiguidade, os sucessivos vazios que ela recobre, a ausência de correspondências fixas – que configura o grão problemático da experiência em sua obra, uma obra que a todo tempo anuncia e lida de diversas maneiras com a própria morte, como se fazendo o luto de si mesma. É ele o fantasma do escritor consciente de uma tarefa que sempre demanda mais do que ele poderia dar.

Mesmo na forma de uma narrativa não linear, revestida de delírios e alucinações, é possível identificar um exame racional – que traduz, em certa medida, a “verdade” sobre o cotidiano no hospício – da intervenção psiquiátrica experimentada pelo narrador de *Todos os cachorros*. Os efeitos dessa decisão são avassaladores. Interessa lembrar, aqui, o conceito de instituição total desenvolvido pelo sociólogo norte-americano Erving Goffman (1961) a partir de suas pesquisas sobre os sistemas psiquiátrico, monástico e carcerário. Segundo Goffman, o caráter de enclausuramento dessas instituições promove a criação de uma barreira entre interior e exterior. O resultado é a deterioração do *self* inicial do sujeito, que passa por um processo de passividade e paralisação imposto pelas concessões de adaptação às novas regras institucionais.

Essa certeza do fracasso não deteve Mauthner, assim como não deteve Beckett: ambos colocam “a fidelidade ao fracasso” no centro de seus trabalhos, e entendem como sendo sua maior tarefa promover o reconhecimento da condição básica da experiência humana – “desconhecida e inconhecível”. O espaço autotético da arte aparece, para Foucault, como abertura para uma outra dimensão da vida que não aquela da moral policialesca que silenciou e aprisionou a loucura. O que fica latente, neste sentido, é que não existe gesto radical sem forma radical.

A literatura entra pela face da expressão para abrir fissuras na comunicação, para transgredir a linguagem, mas ao ser escrita na superfície da folha em branco, torna-se obra, deixa de ser literatura, é contraliteratura. O movimento exorcizante é, fundamentalmente, catártico, e portanto trágico; nos romances de Ben Jelloun, ele é uma contingência da tarefa de narrar/contar, condição paradoxal que tanto é sinal de loucura quanto exigência para não sucumbir a ela completamente. A voz do louco, do esquizofrênico, operaria justamente na revelação desta fratura, enunciando uma linguagem passível de materializar a sua própria fratura.

Se o gênio deve “fazer surgir o extraordinário”, para tal, segundo Hugo, ele deve privilegiar o desregramento e a quebra de conduta. Ser “sóbrio” e “contido” é ser antípoda do poeta. Poe, por meio de uma metodologia do fazer ficcional, como apresenta teoricamente em *Filosofia da Composição* (1846) e artisticamente em sua obra, apresenta a literatura como um *locus* para relativizar verdades e ampliar conceitos estreitos sobre a humanidade do ser. O cômico e o horror grotesco resultam da psicologia dos seus personagens, frequentemente insanos. O

---

<sup>1</sup> Os editores optaram por roubar as palavras dos autores, por estarem fora-da-lei. Se este é o espaço convocado pela literatura e pela arte e discutido por todos os textos que compõem este número 13, esperamos que os próprios autores se reconheçam na nossa contravenção.

sentimento insano nasce do não-poder-ser diante do querer-ser, isto é, a partir de uma não correspondência amorosa.

*La mirada delirante de Garro no sublima el trauma, repite una y otra vez las ramificaciones de la violencia política, con personajes permanentemente acosados, expuestos, fuera de lugar, en situaciones en que el totalitarismo adopta formas cercanas y rutinarias. Segue a lógica discursiva patriarcal encarnada em um homem branco, intelectual, norte-americano, que procura relacionar o feminino com instabilidade, inconstância, imprevisibilidade.*